

A EXPLOSIVA SITUAÇÃO NAMBIQUARA NO VALE DO GUAPORÉ EM 1993

A AWARU- Comissão de Apoio Indigenista, vem a público denunciar a situação extremamente grave a que hoje estão submetidos os Nambiquara por parte dos madeireiros, garimpeiros e políticos corruptos do estado de Mato Grosso.

Até o final de 1991, apesar dos seríssimos problemas financeiros que enfrentávamos, conseguimos com apoio político e financeiro de diversas entidades governamentais e não governamentais alguns resultados significativos no controle dos invasores da A.I. Vale do Guaporé e A.I. Sararé. Foram diversas apreensões de madeireiros e maquinários, com a respectivas solicitações de representação criminal contra os mesmos, além de ações cíveis indenizatórias. Significativo foi também termos conseguido expulsar os 3000 garimpeiros que destruíam a A.I. Sararé.

Em função de uma política indigenista determinada e conseguida por parte de indigenistas e antropólogos da AWARU, chefes-de-posto da FUNAI e vários amigos dos Nambiquara que estiveram na área naquele período, conseguimos sensibilizar os Nambiquara do Vale do Guaporé (Sararé, Wuassussu, Alantessu, Wuaikissu, Anunssu, Hahaintessu, Negarotê e Mamaindê) para que não vendessem seu maior patrimônio, ou seja, suas florestas e sua cultura.

Conseguimos também através da intimidação política, refrear as ações predatória dos Nambiquara do Campo, que já há dois anos vinham se associando a madeireiros no roubo de madeira-de-lei dos outros Nambiquara, já que nas suas terras não têm madeira (cerrado).

Ocorre que em função da nossa postura política passamos a contrariar os interesses políticos e econômicos desses segmentos criminosos da sociedade regional, e também a sofrer todo tipo de pressão para nos afastarmos da região, e como não obtivemos apoio das polícias judiciária (federal, contra a qual pedimos instauração de inquérito no Ministério Público por omissão.) e militar (envolvida no roubo de ouro e de madeira na A.I. Sararé), fomos obrigados a abandonar Vilhena, por total falta de segurança pessoal e familiar.

Infelizmente com a nossa saída da direção administrativa da FUNAI de Vilhena, e do contato direto com os índios, a situação piorou muito em virtude da falta de iniciativa política dos que nos sucederam, que por covardia permitiram que os destruidores das florestas

ocupassem um espaço político vital. Associe-se a isto a valorização da madeira no mercado internacional, e o fato de que a madeira vinda das áreas indígenas não paga impostos (ilegal) e teremos um terreno extremamente favorável ao aliciamento dos índios e ao aumento da violência.

Os Nambiquara do Campo que até aquele momento mantinham um relacionamento furtivo com os madeireiros passaram a agir as claras, orientados pela Sra. Elizabeth Vilas-Boas, ligada a assembléia legislativa de Mato Grosso, e de um ex-funcionário da FUNAI, Paulo de Oliveira. Armados pelos madeireiros, jovens Nambiquara passaram a servir de pistoleiros destes, atirando e ameaçando quem tentasse impedir o roubo de madeira. Chegaram a tomar com o uso da violência, e rasgar auto de apreensão que a polícia federal entregava aos madeireiros flagrados roubando madeira. Isso na cidade de Comodoro, a mais de vinte quilômetros de qualquer área indígena e a plena luz do dia. Passaram também a ser os principais intermediários dos madeireiros no aliciamento dos outros grupos Nambiquara.

Vários grupos do Vale do Guaporé, que até então vinham opondo tenaz resistência a venda de madeira, como os Alantessu, acabaram sendo seduzidos pela oferta fácil de produtos industrializados. Registre-se o fato de que nenhum Alantessu tem noção de quantidade, volume, preço ou das operações básicas da aritmética.

Diante deste quadro, da falta de iniciativa política da FUNAI, omissão da polícia e do alto preço do mogno, os madeireiros de Comodoro, Pontes e Lacerda, Nova Lacerda e Nova Conquista, passaram a agir a luz do dia sem nenhuma preocupação.

Apesar da violência latente e das ameaças, até o final de 91 não havia ocorrido nenhuma morte. Mas esse quadro mudou, e para pior. Alguns grupos se mantêm irredutíveis na sua posição contrária ao espólio das suas terras e diante da ineficiência dos "brancos" em fiscalizá-las resolveram partir para a guerra.

Em dezembro de 92 os Nambiquara do Sararé mataram um madeireiro e feriram outro. Quatro meses depois a cena se repete, com mais uma morte de madeireiro e outro baleado. Em 92 também os Negaroté se cansaram de esperar providência oficial e balearam outro madeireiro. A questão de uma semana foi a vez dos Wassussu atirarem e acertar a perna de um madeireiro que tentava fugir após sua prisão pelos índios. Segundo me informaram os índios, numa recente operação de expulsão de garimpeiros da A.I. Sararé dois garimpeiros foram mortos e enterrados no local.

Os funcionários da FUNAI (José Antonio Pires, Francisco Chagas Cavalcante, Pedro Rodrigues e Edson) e os sócios da AWARU não podem mais parar os veículos na BR 364, nem abastecer nos postos nas ci

idades-acima citadas sob pena de serem assassinados.

Os Nambiquara do Campo orientados pelos madeireiros passaram a utilizar o poder judiciário (Ministério Público e Polícia Federal) para registrar as mais absurdas mentiras com intuito de nos pressionar, amparados na sua condição de "menores de idade".

É inegável o aumento da violência nas A.I. Vale do Guaporé e Sararé nos últimos doze meses. Foram quatro mortes (dois madeireiros e dois garimpeiros) e quatro feridos. A eminência de um conflito armado entre os grupos Nambiquara é apenas uma questão de dias. Os Wassussu, Sararé, Hahaintessu, Negarotê e Mamaindê já cansados de expulsar os Nambiquara do Campo das suas terras, e estes, mais os Wai-kissu, Alantessu, Anunssu e os madeireiros insistem em roubá-los.

Entendo de que qualquer iniciativa política junto aos Nambiquara do Campo, Alantessu, Waikbsu e Anunssu neste momento, com o intuito de reverter esse quadro desolador estará fadado ao fracasso. Estes índios estão completamente desorientados. Nós temos hoje situações inimagináveis a apenas um ano atrás, como o das mulheres Nambiquara do Campo se prostituindo na cidade de Comodoro, ou do índio Jair Nambiquara gastar 10 milhões de cruzeiros num prostíbulo em uma noite apenas, colocando todo os Nambiquara sob o risco da AIDS.

Acredito sinceramente de que a única forma de se parar neste momento essa loucura, é a de se paralizar imediatamente toda a atividade madeireira nos municípios de Vila Bela de Santíssima Trindade, Pontes e Lacerda e Comodoro, por um período de no mínimo dois anos. Período este que se faria todo o levantamento dos estragos ao meio ambiente, de todas as irregularidades praticadas não só pelas madeireiras- mas também pelos órgãos fiscalizadores, e também das ações judiciais pertinentes.

A paralização citada no parágrafo acima só será possível se o Governo brasileiro tiver vontade política de viabilizá-la, através do Ministérios do Meio Ambiente e da Justiça.

Gostaria de registrar de que a FUNAI tenta neste momento reverter este quadro através de uma intervenção na ADR. de Vilhena, trocando a antiga cúpula passiva por funcionários com determinação política, mas sem as ações previstas acima nada conseguirão.

Agradeceríamos a todos que leram este pequeno relato e que se sentiram revoltados como nos sentimos, que agissem politicamente so sentido de sensibilizar o Governo de Mato Grosso, o Ministério do Meio Ambiente e o Ministério da Justiça para que parem imediatamente com o esbulho das nossas florestas e a destruição física e cultural do milenar povo Nambiquara.

Marcelo dos Santos
MARCELO DOS SANTOS
P/ AWARU

Ji Paraná 01/06/93